

O filósofo e  
sua sombra:

# JEAN GRENIER

(1898-1971)

PATRICK CORNEAU

---

Ler Jean Grenier é, em primeiro lugar, descobrir um tom, uma voz que só a ele pertence – leveza, pudor, discriminação, recusa em insistir, um sentido atilado da lítotes, uma ironia sutil, uma série de características que às vezes tendem a dissimular a profundidade do pensamento e a verdadeira importância da obra. Jean Grenier escreveu muito – umas cinquenta obras publicadas, cerca de trezentos artigos, apresentações, notas de leituras, monografias e críticas de arte que apareceram em revistas (*NRF*, *L'Oeil*, *XX<sup>ème</sup> Siècle*, *Preuves*, *La Nef*), além de contribuições periódicas em *Combat* e *L'Express*.

Tradução de Beatriz Sidou

**PATRICK CORNEAU**  
é doutor em Ciências da  
Informação e da  
Comunicação e professor  
na Université de Bretagne  
Sud.

Logo à primeira vista, impõe-se uma constatação: a pequena platéia atribuída a essa obra, que desconcerta por sua variedade, seu ecletismo, por seu não-conformismo, sua recusa às modas. Grenier abordou todos os gêneros literários: o ensaio, o romance, a poesia, a autobiografia, a crítica de arte – mas de maneira original, inesperada, no limite de inúmeros gêneros. Assim, *Les Îles* e *Inspirations Méditerranéennes* são ensaios, mas passam pela tangente de uma expressão lírica moderada. *Le Choix*, *L'Existence Malheureuse*, *Entretiens sur le Bon Usage de la Liberté* são ensaios filosóficos em que a demonstração teórica chega a reter o alento da vida, a poesia do cotidiano. Até mesmo *Les Grèves*, longa narrativa romanesca, apresenta-se como uma seqüência de ficções com aparência de lembranças. Filósofo de formação – e filósofo reconhecido – ele só se sentia realmente livre com os artistas, os pintores em especial. Sua obra testemunha a recusa em aceitar a separação entre as duas vias do conhecimento que são o pensamento e a intuição poética. O próprio texto de Grenier desconcerta, incomoda. Essa atipicidade, essa maneira de expressar uma coisa por suas conseqüências ou por suas manifestações indiretas tinham pouca chance de serem entendidos pela maioria. Seu estilo, neste aspecto muito próximo da estética do Extremo Oriente, explica por que sua obra, durante muito tempo, tenha sido mais lida no Japão do que na França (1). Poucos meses antes de se suicidar, Mishima escreveu para Dominique Aury, então secretário de redação da *Nouvelle Revue Française*: “Adoro retomar a leitura de meu livro preferido: *Les Îles*, de Jean Grenier”.

## LES ÎLES E A PROBLEMÁTICA DA OBRA

Entre as inúmeras obras publicadas enquanto Jean Grenier ainda vivia, desde a tese de doutorado sobre *La Philosophie de Jules Lequier* (1933) até *Mémoires Intimes*

de X (1971), *Les Îles* tem um brilho particular. É o primeiro (1933) e mais conhecido de todos os livros de Grenier. Reeditado muitas vezes (1947, 1959, 1977), ele exerceu sobre muitos jovens e muitos autores – entre os quais, Albert Camus, que expressou sua dívida com o livro no prefácio da reedição de 1959 – uma influência ao mesmo tempo decisiva e secreta, que não se contradisse com o tempo. Camus declarou que *Les Îles* tem sobre muitos livros mais célebres (*Les Nourritures Terrestres* de Gide, por exemplo) uma superioridade que lhe assegura um futuro: “[...] podem ser relidas na maturidade sem que se deixe de sentir aquela vibração do ser que pode decidir uma vocação ou confirmá-la em sua exigência” (2).

Reunindo ensaios publicados na NRF entre 1929 e 1932, esse livro fundamental contém em germe todos os temas da obra futura e principalmente a problemática do pensamento do escritor: a bipolarização entre o Humano e o Absoluto. Sem falar de esquema orientador, pelo menos encontramos no surgimento da obra essa tensão (às vezes um dilaceramento) que orienta a busca pela verdade de Jean Grenier.

Antes de mais nada, Jean Grenier é alguém em busca da verdade; é exatamente uma concepção da verdade que se esboça e se formula no *Les Îles* e nos textos que seguiram – *Inspirations Méditerranéennes* e *A Propos de l'Humain*. Concepção não-dogmática, não-sistemática que se fundamenta na ambivalência, na multiplicidade ou mesmo no paradoxo. Para Grenier a verdade não está localizada num meio-termo, mas antes na tensão desses extremos apreendidos com intensidade: o Humano e o Absoluto, o Pensamento e a Existência, o Eterno e o Temporal, a Liberdade e a Escolha, etc.

Ainda encontramos continuamente nos textos de Jean Grenier esse balanço dialético entre uma aspiração ao Divino, ao Absoluto, ao Ser, ao que no homem não participa da mudança (o “aquilo” dos hindus) e o desejo de pensar mais próximo do humano e, sem se perder, afrontar a riqueza do real animado e inanimado – o que Grenier cha-

1 “*Les Îles* em japonês chamou minha atenção por causa da capa, mas me alegro em saber que, assim que publicado, o livro esgotou. Isto serve para confirmar que aquele povo, por mais que os sinólogos falem mal dele, é mais inteligente do que o nosso; de qualquer maneira, mais aberto, o que talvez seja a mesma coisa...” (carta de Etienne a Grenier, 14 de maio de 1968).

2 Extraído de uma homenagem transmitida pelo rádio por A. Camus depois da atribuição do Prix du Portique a Jean Grenier.

ma de “o mais próximo” – o sol, o mar, as flores, os animais, um aperto de mão, um olhar. Enfim, conciliar espírito e coração, cumprir as maiores exigências espirituais nos limites da existência. Empuxado para lá e para cá entre as duas postulações do humano e do Absoluto, que não têm medida comum entre si, Jean Grenier – na primeira edição do *Îles* – se recusa a escolher uma em detrimento da outra. Por um lado, o livro ressalta a situação ontológica do homem no mundo, as diferentes maneiras de estar só (inicialmente, essa compilação deveria receber o título *Les Solitudes*) e, por outro, a atração pelo vazio, mas sem se pronunciar. Se Jean Grenier quis juntar dois ensaios curtos à terceira edição de 1959, sem dúvida é porque desejava mostrar que durante esse longo lapso de tempo ocorrera uma evolução em seu pensamento. Nesses dois ensaios ajuntados, a comunhão substituiu a solidão e a aspiração ao distante deu lugar à aceitação do que “está perto”.

Como Jean Grenier conseguiu encontrar um ponto de equilíbrio que enfim permite uma coesão interna e talvez uma relativa felicidade? Como, por meio da obra e ao longo dos anos, foi realizado o demorado “trabalho subterrâneo” que apaga ou desbasta os sofrimentos dessa nostalgia misturada com ternura (3) e desse sentimento de estranheza? Por fim, o que é “estar próximo”?

Para responder a essas questões, teremos primeiro de abrir um parêntese. Tentaremos determinar o que é “o humano” para Jean Grenier. Depois, com o apoio dos textos maiores – *Les Îles*, *Inspirations Méditerranéennes* (e, parcialmente, o importante ensaio “Sagesse de Lourmarin”, publicado em 1936 em *Les Cahiers du Sud*, e neste ensaio retomado com o título “L’Herbe des Champs”), *Entretiens sur le Bon Usage de la Liberté*, *A Propos de l’Humain*, *Lexique*, *Les Grèves*, *Lettres d’Égypte*, *L’Esprit du Tao*, *Entretiens avec Louis Foucher*, *Mémoires Intimes de X* –, examinaremos as fontes que alimentaram e formaram seu pensamento, permitindo que Grenier viesse a propor um humanismo

que se empenhasse em amar o próximo na proximidade cheia de vida, na exigência do amor humilde, “aceitante” e caridoso.

## O HUMANO SEGUNDO JEAN GRENIER

Sabemos que o humano não se deixa definir. Sim, para definir o humano, alguns autores se ativeram aos traços inferiores do homem, a seus instintos mais baixos, sua força brutal. Assim, os moralistas franceses que, no século XVIII, unidos em um mesmo pessimismo, entraram em rivalidade no desprezo pela inaniidade e pelo caráter heteróclito do eu. O homem é um fantoche e jogo de pulsões diversas – sociais ou individuais – que, o mais das vezes, são irracionais. Nessa linha, a abordagem kantiana, também ela totalmente negativa, insiste na finitude do homem: incapacidade do seu saber, de conclusão da sua ação, incerteza da sua esperança. Para outros, como Nietzsche, o homem não é mais do que uma transição. Zaratustra repete o que ele afirma: o homem segue em direção ao super-homem, o homem é algo que deve ser superado e a corrente ascendente da Vida é o trampolim em que ele está sempre quebrando seus ideais para criar novos. Em Nietzsche, o profetismo do super-homem é otimista.

Para Grenier, essas duas concepções extremas se distanciam do humano. A posição intelectual e supra-humana de Nietzsche é tão pouco humana quanto a força brutal. Para Grenier, é a manifestação da *hybris* dos gregos, daquele “excesso nos espíritos que leva ao desmedido nos atos e causa a perda do homem. Esse imperialismo biológico contrasta com o comedimento que é o mérito supremo aos olhos dos Antigos e a pedra de toque das ações humanas: nada de mais!” (4). Grenier desconfia do poder contido nos extremos: para ele, o humano jamais ultrapassa as medidas e nada tem de “sobre-humano” ou “heróico”. Ele se manifesta pelos sinais privi-

3 É sua definição “pessoal” de saudade no *Lexique*, p. 50.

4 *Réflexions sur Quelques Écrivains*, Gallimard, 1973, p. 71.

## O MEDITERRÂNEO

legiados do homem que se dirige a outros homens – “o olhar, o sorriso, o aperto de mão” (5). Portanto, por meio de um gesto simples, banal dirá Grenier, mas tão difícil! Negligenciados ou esquecidos pelos habitantes dos países da Europa industrial, que muito voltados para o futuro vivem mal o presente, esses gestos ainda estão em uso nos países mediterrâneos.

“A sabedoria popular do Mediterrâneo pode renovar o homem”, acredita Grenier. Sabe-se que a atitude desse homem foi escolhida por Camus como resposta em *O Homem Revoltado* (1951, dedicado a Jean Grenier). Camus começou pela revolta, e portanto pelo excesso, e terminou encontrando a medida. Do solitário que era, tornou-se solidário: *A Peste* (1947) apareceu depois de *O Estrangeiro* (1942). À semelhança do mestre, ele também foi atraído pelo Absoluto, pois a revolta – e Grenier viu isso muito bem – não é senão uma variante da busca pelo Absoluto. Grenier e Camus, de distantes que eram, tornaram-se próximos; próximos principalmente no amor pelo Mediterrâneo que os reuniu.

Para Camus, aproximar-se era apenas ater-se ao espírito mediterrâneo. Para ele só existe um tipo de homem que pode opor-se ao “homem russo” e ao “homem atlântico”: o “homem mediterrâneo”. O homem dos limites por excelência, o homem do equilíbrio, da serenidade – “um extremo bem temperado” – para quem a única felicidade é a felicidade terrestre, e a única vida é a vida terrestre. Para Camus, homem do Mediterrâneo, essa sabedoria muito humana se originava na terra que o criara. Pregar o espírito mediterrâneo era voltar às origens, à terra natal.

Se há um paralelo tentador a fazer entre os dois autores, as coisas são menos simples para Grenier, pois o que alimentou e formou remonta a fontes mais complexas, ao mesmo tempo geográficas e espirituais. Entre estas, é preciso contar à parte a Bretanha e o Mediterrâneo, a terra de eleição e adoção – o cristianismo e o Oriente taósta. É preciso estudar cada uma dessas fontes.

Como o demonstra o importante ensaio *Inspirations Méditerranéennes*, Grenier era apaixonado pelos países mediterrâneos. O Mediterrâneo foi sua terra de adoção. Nascido em Paris e instalado na Bretanha quando tinha apenas dois anos, Grenier só descobriu o Mediterrâneo na primavera de 1923. Ele já havia ido a Roma em 1921, mas foi a Provence francesa que primeiro lhe revelou, naquele mesmo ano, a característica especial das terras mediterrâneas. Naquele mesmo verão ele visitou Veneza com Louis Guilloux (6) e em outubro embarcou para a Argélia, onde assumiria um cargo de professor.

Embora tendo vivido em Paris desde 1915, Grenier acreditava pertencer à Bretanha. Foram as viagens empreendidas em 1923 que o arrancaram ao fascínio da terra “que, com suas charnecas isoladas e lânguidas brumas, com tudo o que há de informe e indefinido, sugeriu os sonhos vaporosos de Chateaubriand, as oscilações intelectuais de Renan, um equilíbrio instável do espírito, uma emoção sem contorno” (7).

Ao contrário, o mundo mediterrâneo lhe ofereceu de cara, e por contraste, uma afirmação da vida em seus aspectos físicos e, em seguida, um sentido do contorno e da proporção. “Uma configuração sensível para o coração – este é o espírito mediterrâneo. O espaço? É a curva de um ombro, a oval de um rosto. O tempo? É a corrida de um jovem de um extremo a outro da praia. A luz recorta seus traços e gera os números. Tudo concorre para a glória do homem” (8).

Grenier deixou para trás a Bretanha, rejeitando-a deliberadamente junto com as meditações metafísicas nele induzidas por ela. O mundo não é mais este grande Todo do qual o homem está separado pela consciência, mas antes o único domínio da humanidade, no qual pode ser experimentada uma verdadeira “coincidência de mim mesmo com o homem” (9).

A isso se junta o elemento importante do que se poderia chamar de mística da

5 *A Propos de l'Humain*, Gallimard, 1955, p. 194.

6 Cf. Louis Guilloux, *Absent de Paris*, Gallimard, 1952.

7 *Inspirations Méditerranéennes*, p. 100.

8 *Ibidem*, p. 88.

9 *Ibidem*, p. 89.

natureza com a experiência de êxtases emocionalmente positivos dos quais “Jours Disparus” (10) oferece um exemplo. São experiências positivas de harmonia com o Ser, que pontilham a vida e às quais Grenier fará constantes referências em sua obra (11). Essa afirmação triunfante pouco tem a ver com as idéias de absorção ou de alerta fora do mundo ilusório inspiradas pela Bretanha. Em “Les Îles Fortunées” a afirmação é “Ganhei” (12). Daí em diante, o indivíduo humano está no centro, e o momento, o instante, é tudo. Experiência de um tempo estagnado, de “música sem instrumento”, de uma “harmonia com nada”; instantes de felicidade total, essas fulgurações serenas escondem a angústia, pelo menos por um momento. Os povos mediterrâneos possuem uma terra tranqüilizadora, porque rica das certezas que se chamam sol, mar, beleza dos corpos.

Contudo, o humanismo é mais do que a intensidade de uma presença física. Com o tempo, a perfeição dos contornos pode ser mais sufocante do que tranqüilizante. Grenier encontra no Mediterrâneo uma outra qualidade: o sentido da proporção do qual testemunham a dominação do homem sobre a natureza e as obras de arte da Era de Ouro da Grécia. No capítulo “La Mème Lumière” (13), Grenier exalta a tradição grega de “comedimento”, preservada, apesar da extravagância de Roma, na arquitetura romana da Provence francesa. O personagem Cornelius recorre a essa tradição grega em *Inspirations Méditerranéennes* para combater a atitude aparentemente negativa de seu correspondente. Em resposta à máxima “Tudo é equivalente: portanto, não fazemos nada”, ele retruca: “Se tudo é igual, por que não uma obra em vez de uma contemplação?”. Referindo-se à arquitetura de Atenas, diz que “esses edifícios... começam por criar sua ordem e a vida também lhes é dada a mais”.

O humanismo não é unicamente uma visão antropocêntrica do mundo, ele contém também um elemento criativo. Em “Cum Apparuerit”, Grenier proclama que em Provence “o homem se une ao homem apenas para fundar... Todo o mundo aqui

nasce arquiteto... E a paisagem é uma construção” (14). Os verbos construir e criar são inseparáveis da concepção que tem Grenier do humanismo mediterrâneo, mas eles devem ser compreendidos em correlação à idéia de comedimento e não como a manifestação da fartura do homem. Os textos e artigos dessa época insistem particularmente na tradição grega do humanismo: “A herança helênica é o único universal”, declara Jean Grenier.

O ensaio “Interiora Rerum”, escrito em 1927, pouco depois de uma estadia em Atenas, é a melhor ilustração da acolhida de Grenier à Grécia. A impressão dominante que nele permaneceu foi “esse ténue ponto entre todos em que o espírito e o coração estão paralisados, em que o amor à vida e a submissão ao destino se equilibram de maneira a prevenir orgulho ou humildade sem medidas” (15). A lição da Grécia antiga reside no equilíbrio entre uma aceitação da vida em sua profusão e seus contrastes e o que Grenier chama de “retitude”, uma ordem imposta pelo homem à vida. “Aí está o equilíbrio grego... quero dizer o equilíbrio humano, quero dizer o nosso equilíbrio” (16). Depende da justa compreensão da situação do homem, da relação que o liga à eternidade. O homem não é desvalorizado nessa perspectiva, mas claramente visto em suas limitações. No homem grego, a consciência de sua finitude é a origem da ordem disciplinada cujo contraste é tão notável em relação à imprecisão da arquitetura e da escultura indiana. Para os gregos “a vida humana não é realmente senão um emblema de algo eterno... no olhar humano se cruzam dois mundos” (17).

E o homem está plenamente consciente de apegar-se a esse ponto de interseção. Para os indianos essas fronteiras precisas não existem, de modo que escultura e arquitetura se fundem uma na outra. “São as germinações da pedra, como esta, da natureza. Rochedos, baixos-relevos, estátuas, afrescos: um só bloco” (18). A humanidade não tem lugar próprio nessa concepção do universo. Em lugar de uma tensão, é uma continuidade. “Onde está a fragilidade dos amores ameaçados?” (19). Parado-

10 *Les Îles*, Gallimard, Col. L'Imaginaire, 1977, pp. 145-9.

11 Os “momentos privilegiados” ou “instantes” são uma espécie de harmônica vital que se reencontra a cada livro, principalmente em *Les Grèves e Jacques* – mas também em *Inspirations Méditerranéennes, Voir Naples, Célébration du Miroir, Mémoires Intimes de X, Mes Candidatures à la Sorbonne*.

12 *Les Îles*, pp. 83-93.

13 *A Propos de l'Humain*, Gallimard, 1955, pp. 155-65.

14 Em *Inspirations Méditerranéennes*, “Initiation à la Provence”, pp. 93-4.

15 *Ibidem*, “Penser à la Figure Humaine”, p. 137.

16 *Ibidem*, p. 125.

17 *Ibidem*, pp. 129-30.

18 *Ibidem*, p. 130.

19 *Ibidem*, p. 132.

xalmente, a Grécia preserva esse sentido da fragilidade e da compaixão na incomparável firmeza de sua arte. Essa clareza, essa confiança falam tanto do que está ausente, subjacente e do que é desconhecido quanto falam da realidade presente. Grenier exalta esse aspecto na atitude dos gregos diante da morte: “Esses rostos meditativos e meigos... nos aconselham a aceitar. Não podemos nos superar senão dentro de nossas fronteiras... Que beleza há num olhar que sabe não se desviar do inevitável e que sabe não insistir demais nisso” (20).

O apelo do humanismo mediterrâneo, ilustrado de modo exemplar pela Grécia, não reside apenas em sua vitalidade criativa, mas também e particularmente na consciência aguçada dos limites em que ela se expressa. Este é o contexto em que devem ser entendidas as afirmações de “Les Îles Fortunées” e dos outros ensaios de *Îles*. Essas idéias serão retomadas no *A Propos de l'Humain*, quando Grenier proclama que “o humano reside em uma fissura” e que “o humano não tem o caráter da realização... O insucesso é a marca do humano”. Em *Sur la Mort d'un Chien* (21), ele fala da “margem do humano”. O homem é mortal, limitado, incompleto, pois sua natureza é tão cruelmente amputada pela morte: “Todos os homens fracassam, mesmo os que obtêm sucesso” (22).

A certeza da morte, a existência incerta do Absoluto subtendem o humanismo construtivo da civilização mediterrânea em que os valores positivos repousam sobre um alicerce de desespero. Foi justamente esse “tremor que perpassa em *Les Îles*” que abalou tão fortemente o jovem Albert Camus, como testemunham essas notas de leitura enviadas a Grenier em uma carta de 1933:

“Ilhas à deriva – e que muito desejariam fixar-se. Mais do que repousar sobre uma unidade, todo o livro tende a ela... E como este livro é desesperador: um nada. Nenhuma coisa em que se possa descansar e mentir para si mesmo – ‘nem fé, nem piedade, nem amor’... não, nem mesmo o orgulho. Uma preparação para o grande salto. Também

nenhuma dor: um fato cegante que a torna inútil, um fato incômodo, brutal mas natural: o homem e a morte” (23).

O humanismo que Camus aprendeu de Grenier não estava separado de um verdadeiro sentido da condição humana em que a vida é afirmada ao mesmo tempo que a morte. Aparentemente a vida é apresentada como valor único, mas está sempre e desde já minada pelo fato irrefutável da morte. Daí o caráter ambíguo da luz mediterrânea. Se ela representa a plenitude da vida, seu brilho implacável sublinha a fragilidade e a finitude do homem fazendo-o lembrar a incomensurável perfeição inacessível do Absoluto. Em “Les Îles Fortunées”, Grenier fala de uma “luz sem esperança” que obriga o homem a buscar refúgio em diversas formas de religiões de caráter humanista: a alternativa seria sucumbir à vertigem do Absoluto ou adotar uma atitude de indiferença, mas árida e



20 Ibidem, pp. 134-6.

21 *Sur la Mort d'un Chien*, Gallimard, 1957.

22 *A Propos de l'Humain*, p. 197.

23 *Albert Camus – Jean Grenier, Correspondance 1932-1960*, Gallimard, 1981, pp. 13-4.

desumana – da qual sabe-se que necessariamente termina em uma forma de suicídio por abstenção. Se essa alternativa é rebatida, Grenier sugere que o melhor que se pode esperar é essa tentativa momentânea de “grandiosidade” em que o homem coincide consigo mesmo: “Vivamos apenas para esses instantes em que está furada a frágil película que todos os dias nos esconde nossos mistérios interiores. Do fundo dessa desolação jorrará um canto” (24).

A vida humana é essencialmente uma desolação, mas sobre esta podemos erguer algo de glorioso. Grenier não tem nenhuma ilusão a respeito da fragilidade essencial da vida humana, mas está pronto – quando ocorrem esses momentos fugidios de graça – a considerá-la provisória, ou mesmo secundária. Assume o risco, por pouco que seja prolixo em relação a ela, de ver seu caráter ilusório reaparecer então: “Se me demoro no que é humano, tenho a infelicidade de ver o que mais me agradava ir embora em pedaços” (25).

## O CRISTIANISMO

Grenier é um discípulo dos Antigos; seus escritos, marcados pela inquietação metafísica, são acima de tudo poéticos e filosóficos. Embora procure na natureza um meio de união com o Absoluto, ele não consegue se afastar das formas e não consegue impedir-se de desfrutá-las esteticamente; pois ele se interessa demais pelo individual. Para ele, o divino mais parece uma aspiração do que uma realidade (26). Camus, que o conheceu de muito perto, jamais o considerou um verdadeiro crente.

Seria preciso concluir que os sentimentos de Grenier são mais poéticos, pagãos, panteístas do que cristãos? À leitura dos escritos de juventude e das obras da primeira maturidade, às vezes se é tentado a acreditar nisso. Com efeito, o Absoluto de que ele tanto fala permanece uma expressão vaga, que não pode ser identificada com um Deus pessoal; não emana necessariamente do “espírito” mas nos faz muitas

vezes pensar em uma intuição panteísta que tem sua origem na “Natureza”. Também não se poderia considerar Grenier um místico cristão pelo fato de ter estado sujeito a intuições especiais que o transportavam para fora do tempo e sem as quais ele mal suportaria a temporalidade comum. Sabe-se que essas experiências não são necessariamente cristãs. Certamente o “eu” profundo que elas revelam é sinônimo do Absoluto. Mas a que Deus este se identifica? Para Grenier, o mais das vezes esse Absoluto é mui simplesmente sinônimo de perfeição. É como um ponto para onde tudo converge, mas não pode ser definido. Não seria possível concluir nada em relação a ele.

Contudo, em sua obra póstuma, *Mémoires Intimes de X*, uma espécie de testamento espiritual, Grenier faz algumas confissões essenciais para a compreensão do que foi sua atitude interior. Assim, podemos ler que, malgrado a complexidade do dogma cristão, Grenier continuava a crer – com nuances e reservas consideráveis – na verdade do cristianismo.

Embora aí se revele cristão, é com prudência e pudor infinito. Idealista, sua ironia natural o impede de ceder muito facilmente ao Absoluto que poderia ser apenas um refúgio estético ou até mesmo indício de uma incapacidade disfarçada por um alibi (27). Ele percebe muito bem como sua fé está enraizada num temperamento solitário e pessimista; Grenier demorou muito para se dar conta de que o cristianismo é uma “religião alegre” – quando só lhe havia sido mostrado a sua tristeza. Ainda que tenha declarado não se orgulhar muito de ser católico (28), há nele um apego ao catolicismo que depende do simples desejo de permanecer fiel à fé de sua infância ou à tradição francesa (29). O simplismo de uma doutrina aperfeiçoada por todos e por ninguém e a exagerada valorização de ritos o impedem de sentir-se à vontade – ele desejaria encontrar no cristianismo vivido a sabedoria para uma transformação interior, mas este se mostra um sistema doutrinário e legalista.

Sendo a fé subjetiva e intuitiva mais do

24 *Inspirations Méditerranéennes*, p. 70.

25 *Ibidem*, p. 102.

26 “Minha natureza íntima não é totalmente religiosa, o que não exclui a aspiração à religião” (*Mémoires Intimes de X*, p. 64).

27 Sobre essa questão, ver dobramentos semelhantes em *Les Grèves* (pp. 433 e segs.).

28 Etienne conta que Grenier lhe dissera: “Eu sou católico. Mau católico. Católico por medo. E excessivamente pessimista. Você teria um excesso de otimismo. No fundo, você continua sendo um homem do século da luz” (*Nouvelle Revue Française*, nº 221).

29 E isso o aproxima de Descartes, que dizia ter “a religião de sua ama de leite”.

que racional, não é possível comunicá-la, nem julgar sua profundidade e qualidade. Grenier percebeu isso muito bem – ele gostava de citar a frase que Dostoiévski pôs na boca de Nicolas Stavroguine em *Os Demônios*: “Quando ele acredita, não acredita que acredita, e quando não acredita, não acredita que não acredita” (30).

Justamente porque nele espírito crítico e fé andam lado a lado, Grenier sempre sentiu que não tinha o direito de fazer qualquer tipo de pressão para fazer alguém arriscar sua fé. A idéia de proselitismo ou propaganda sempre lhe foi estranha: “[...] eu até tinha horror a isso. Tentar fazer os outros compartilharem as idéias é uma barbárie!” – o que vai muito bem com a humildade da fé, ainda que essa atitude seja antagônica em relação à dos “grandes autores católicos”, então fiéis reflexos de uma igreja poderosa. Além disso, o que retém Grenier na expressão de sua fé, afora sua prudência e discrição, é o onipresente risco de perversão da fé na ortodoxia. Em *Essais sur l'Esprit d'Orthodoxie*, publicado em 1938, Grenier insiste – para denunciá-lo – no valor de exclusão que é inerente à ortodoxia. Ainda que o propósito da obra seja mais político do que religioso, o que visa a crítica e os termos em que ela se aplica, identifica as duas realidades sob um conceito que originalmente pertence ao domínio religioso.

Não obstante, se tivéssemos de classificar Grenier entre os autores cristãos, por educação e por temperamento, ele certamente estaria ligado à corrente que, desde Santo Agostinho e passando por Pascal, enfatiza a consciência do trágico na condição humana. Aliás, é para escapar da angústia que é forçosamente seu corolário que Grenier sentiu-se em parte atraído pelas religiões orientais que lhe pareciam mais de acordo com sua própria compleição. Contudo, ele não deixava de enxergar a dificuldade de tal empresa: “Não me espanto mais tanto por aspirar à quietude e professar o quietismo – eu, que sou o último a conseguir adquirir o sossego. Nossas opiniões freqüentemente são reflexo de nossas esperanças e não de nosso comportamento” (31).

Quanto mais nos esforçamos, menos conseguimos mudar radicalmente o eu profundo; até certo ponto, cada um continua sendo o que é. Assim, o narrador de *Îles* desejava tornar-se indiferente como o gato que observava a fim de conseguir unir-se ao Todo, mas não conseguiu deixar de se tornar próximo do animal de maneira humana e cristã – a doença e a morte do gato o fizeram sofrer.

Se os problemas do sofrimento e da liberdade estavam no centro de sua angústia de fiel, o ceticismo jamais tocou Jean Grenier – mesmo que nesse ou naquele de seus escritos se possa reconhecer uma ponta de ceticismo *à la* Montaigne: “Eu acreditava na verdade e que esta verdade valia que se dedicasse a vida a ela”. Nele a incerteza e a dúvida nada têm a ver com um ceticismo radical. Como já dissemos, é precisamente a dúvida atuante do mestre que tocou o discípulo Camus, ao passo que a proclamação ou o ardor prosélito o deixavam indiferente. Se a modéstia é uma vocação do espírito, em Grenier ela é manifesta em sua posição sobre o problema da escolha: ele não admitia a tese muito contemporânea de que cada homem é absolutamente responsável por si mesmo. Ele achava esta uma postura de soberba – se somos realmente responsáveis por muitas coisas em nós e em nossa vida, também há muitas outras pelas quais não somos responsáveis. Como pensava Camus, não precisamos ser recompensados pela escolha que podemos fazer por nós mesmos, se ela estiver de acordo com a nossa dignidade. Uma das originalidades de Grenier é que, hoje, em vez de pronunciar em público a palavra justiça, ele certamente preferiria pronunciar a palavra “misericórdia” ou “bondade”... Assim, é inútil insistir na compaixão do narrador em relação ao açougueiro condenado pela doença de “L’Île de Pâques” (32), esse homem que representa a humanidade infeliz e que é ao mesmo tempo seu alter ego. À sua maneira, este ensaio propõe a questão fundamental: como conciliar o bem e a felicidade? E *Les Îles* em seu conjunto apresenta um bom exemplo dessa dolorosa relação entre a verdade

30 Frase citada em epígrafe de *Mémoires Intimes de X.*

31 Cf. *Mémoires Intimes de X.*, p. 120: “Não me espanto tanto por aspirar à quietude e professar o quietismo, eu que sou o último a poder adquirir a calma. Nossas opiniões muitas vezes não são senão o reflexo de nossas esperanças e não de nossa conduta”.

32 *Les Îles*, pp. 97-109.

e o trágico da vida. Grenier tem para isso uma resposta tardia. Ao contrário dos dogmatismos, ela vai ao encontro do Tao, do Zen e, no final das contas, do Evangelho; ou melhor, não há resposta, mas um convite à vigilância permanente:

“Quem não está feliz não pode ser misericordioso. Levei muito tempo para compreender e só compreendi isso nos últimos anos: quem deseja ser bom deve começar por trabalhar em prol de sua própria felicidade e não esforçar-se por meio de um trabalho ingrato sempre questionado para realizar a felicidade dos outros” (33).

## A TENTAÇÃO DO ORIENTE: O TAOÍSMO

Herdeiro da Grécia e de Roma, o cristianismo parece distinguir-se das religiões orientais pela importância que atribui ao indivíduo. Contudo, ambas – tanto a civilização grega como a civilização cristã – rejeitam o sobre-humano. Segundo as duas, o homem não vale pela “extensão de seu ser, mas por seu aprofundamento”; portanto, que o homem reconheça sua própria fragilidade, que aceite seu destino, que seja comedido, que tenha pudor – enfim, qualidades puramente humanas – e esta será a maneira de ser verdadeiramente homem.

Já indicamos que a concepção do humano é a mesma em Grenier e em Camus, sendo para os dois sinônimo de medida, de simplicidade fraternal, de circunspeção. Todavia, o valor que lhe atribuem difere em um e outro. *A Peste* é um apelo à solidariedade humana para combater o mal. Graças aos “homens” a cidade é salva; não há nada mais além do plano humano que, para Camus, constitui um fim. Em compensação, para Grenier, o humano não é senão meio, mediação; para ele o fim verdadeiro é o Absoluto. Assim, apesar da admiração que sente por sua terra de adoção, o Mediterrâneo, símbolo da exatidão (*Akrivie*, em grego), ele jamais conseguiu

afastar-se da influência da Bretanha que, ao contrário, simboliza a indeterminação, a evasão, o sentimento do infinito.

É também uma das razões pelas quais, ao contrário de Camus, cuja admiração ia somente até a civilização da Grécia e que jamais mostrou interesse por aquelas cuja característica é o desapego à vida, permaneceu sempre vivo o interesse de Grenier pela civilizações do Leste que, desdenhando razão e ação, tomam o Absoluto como único fim.

Depois da Índia, descoberta aos 17 anos através da leitura de Schopenhauer e do estudo do sânscrito (34), sua atenção se volta para a China. Sabe-se que em 1959 ele publicou *L'Esprit du Tao* (35), uma antologia comentada que, no dizer dos especialistas, é uma das melhores, talvez a melhor de todas.

À medida que se familiarizava mais com a sabedoria oriental, especialmente com o Tao, Grenier percebia as ligações ocultas que unem o humano e o Absoluto, esses dois domínios que lhe haviam parecido inconciliáveis. Sabemos que o Tao ensina o *wou wei*, que significa menos a inação do que a ação desinteressada: ao contrário da concepção ocidental – ou seja, baseada na aquisição de bens mundanos e na ambição –, a ação se torna uma espécie de mediadora entre o humano e o Absoluto.

Por outro lado, o sábio taoísta é ao mesmo tempo filósofo e santo; situa-se portanto entre o humano e o Absoluto. O Tao não define o Absoluto. É uma religião sem metafísica, sem esperança, que ignora a noção do pecado. No entanto, indica o caminho para ter acesso a esse Absoluto por meio de algumas sugestões. Eis algumas:

1. A natureza é boa em seu princípio original. Deve-se confiar nela. Por “natureza”, é preciso compreender a espontaneidade, não a selvageria.

2. Nada de revolta. Não se deve imitar a natureza no que ela tem de episódico e de acidental (tempestades, destruições), mas em suas constantes. Em primeiro lugar, uma filosofia desse tipo poderia fazer acreditar na sabedoria popular que louva mediocridade; contudo, é também a “metriopatia”

33 *Mémoires Intimes de X*, p. 85.

34 Jean Grenier resolveu estudar o sânscrito entre 1923 e 1924. Traduziu “O Cântico do Ladrão de Amor”, do poeta Billhana. Esse trabalho foi publicado em 1945 na revista do *Cahiers du Sud*, sob o pseudônimo Joseph Grimaldi.

35 Publicado pela Flammarion, coleção *Homo sapiens*; reeditado em 1973 na coleção Champs, de bolso.

greco-romana, essa constância que permite ao sábio – seja ele epicurista, estoíco ou cético – permanecer igual a si mesmo nas situações mais antagônicas. Ela expressa a desconfiança do homem diante do desequilíbrio e das desordens que podem criar os extremos.

3. Não devemos confiar em nossas próprias forças – as forças que não consumimos mas que acumulamos são uma fonte de confiança e energia. Se é preciso exagerar, que o homem o faça no sentido do menor e não no sentido do maior. O sábio sabe esconder seu próprio valor; sem procurar consumir a vida em desejos estéreis, ele viverá de boa vontade na obscuridade e não terá a pretensão de renovar o mundo. Aí se reconhece o homem da “vida secreta” das “Îles de Kerguelen” (36) para quem falar de si, participar da comédia social, é trair o que a pessoa tem de mais precioso.

4. Mais vale ser passivo do que ser ativo. A paz se obtém por meio do abandono ao movimento do mundo. Não alcançar senão aquele que sabe tomar seu partido nesse movimento e não teima em desejar que ele pare. Não obstante, abandonar-se à corrente que nos leva não é tão fácil como se acredita habitualmente – ao contrário, isso exige um aprendizado muito demorado: o nadador pouco a pouco aprende a ter confiança na água que o carrega.

5. É sempre necessário ter em vista a unidade. Para isso, é preciso aprender a tornar-se “indiferente”. Como já indicamos, a indiferença gratuita e total pode levar à demência. Por tradição, o ocidental é racionalista e sua indiferença, se existe, é orientada em vista de algo ou, antes, alguém. Ele tem de aprender a experimentar um desapego gratuito, sem premeditação (nos cristãos, o pensamento subjacente é a esperança da vida futura), sem o que terminará por não ver mais a Unidade. O sentido da Unidade é exatamente o que mais falta em nossa época, seja no domínio moral (não é porque se negligencia as distâncias consigo e com os outros, que há verdadeira comunhão entre os humanos), metafísica (perda de contato com o Cosmo) ou literária (análises sutis, mas estéreis em detri-

mento da síntese significativa).

Como se vê, as qualidades sobre as quais o Tao atrai a atenção, constituindo o “caminho” (a “via”, segundo Lao Tsé) em direção ao Absoluto, são qualidades eminentemente humanas. Elas evidenciam a fraqueza do homem em relação ao divino. Desde então, daí se conclui que o homem mais humano é também o homem mais próximo do divino. Por outro lado, daí se destaca o fato de que o humano e o Absoluto, longe de constituírem extremos, são domínios muito próximos um do outro; que a busca do Absoluto leva ao humano e, inversamente, o aprofundamento do humano conduz ao divino. Assim Grenier pode escrever em *A Propos de l'Humain* que “São Francisco desceu tanto no humano, que terminou tocando o divino” (37). Para chegar a um de seus domínios, não é preciso perder o outro de vista. Por sua vez, os deuses têm necessidade do humano: Angelus Silesius sempre repete em seus dísticos que o divino não pode passar sem o humano. Se castigam os que desejam igualar-se a eles, os deuses se permitem descer à terra e misturar-se aos homens. Jesus é apenas um exemplo; na Índia, as reencarnações são realidades cotidianas.

Como todas as religiões orientais, o Tao difere do cristianismo concebido pela teologia positiva de observância aristotélica que considera Deus ora “razão suprema”, que basta para explicar o mundo fenomenal, ora “amor infinito”, que salva a alma individual. Em compensação, o Tao, que não comporta explicações e não é uma religião de salvação, oferece analogias com a teologia negativa (como aliás com o platonismo e o neoplatonismo), a qual não define Deus se não for negativamente sob o modo apofático. Assim, Denis, o Aeropagita, definia o objeto de sua aspiração dizendo que ao mesmo tempo está no homem e fora do homem e que constitui a Unidade dos contrários (a *coincidentia oppositorum*).

Por outro lado, muitos pontos da sabedoria do Tao lembram tanto os preceitos do cristianismo como a sabedoria antiga: muito próxima do taoísmo é a atitude do cético grego, cuja regra de ouro é a indiferença, e

36 *Les Îles*, pp. 67-79.

37 *A Propos de l'Humain*, p. 20.

a do Cínico, sem outra ambição a não ser viver sem consciência e sem razão. Contudo, nesses dois tipos de homens há uma propensão ao raciocínio e ao debate, como em todos os gregos, que os distancia dos grandes sábios taoístas.

O que se conclui disso? Deve-se tomar ao pé da letra a frase já citada de “Îles Borromées” – “por que viajar, se as montanhas sucedem as montanhas e os desertos seguem os desertos”? Dizer que, como não foi dado ao homem a posse da verdade, o Oriente não a possui mais do que o Ocidente; já que, por outro lado, muitos valores da sabedoria oriental também estão no Ocidente, por que então ir tão longe?

O fato de Grenier haver dedicado muito tempo ao estudo das civilizações orientais prova que esse contato lhe era necessário. Inúmeras vezes exprimi o gosto que tinha por essas civilizações. Aliás, ele escreveu que “ler ou estudar não está tão longe de acreditar, ser convencido. Todo conhecimento contém uma fé em germe” (38). Nelas, encontrou algo que lhe parecia faltar no Ocidente. Realmente, se entre as duas civilizações existem pontos em comum, a maneira de abordar os problemas é diferente. Todos os valores emanam de um princípio único, mas ao aparecer no tempo histórico, transformam-se a ponto de se tornarem irreconhecíveis. O ponto de interseção em que se cruzam o divino e o humano é difícil de manter; ora nos inclinamos por um lado, ora pelo outro, e o equilíbrio é perdido. Para restabelecê-lo, é preciso mergulhar nas fontes, retornar ao passado. Se o contato com a Antigüidade greco-romana nos é necessário, é porque nossos valores ali se encontram em um estado mais puro. Sendo mais antiga, a civilização oriental constitui uma fonte ainda mais pura.

Por isso, um contato com ela regenera e renova. A civilização ocidental, por demais voltada para o homem, tem necessidade do divino e do sagrado que caracterizam as civilizações orientais para que o homem, assediado pela miragem do super-homem, não deixe de simplesmente ser homem, e para que o humano não se desfigure nem se transforme em desumano ou barbárie. Se o

humano corre o risco de se perder no Ocidente, é porque este não tem mais o sentido do divino: “Se não se admite uma revelação sobrenatural, ou uma intuição do Absoluto, recai-se em um positivismo medíocre” (39).

O Oriente poderia nos ajudar a redescobri-lo. “Jours Disparus”, o penúltimo ensaio de *Îles*, só pôde ser escrito depois do contato com as civilizações orientais – em outras palavras, somente depois de haver conhecido o que está longe é que o narrador termina por se encontrar à vontade no que está próximo. A viagem, seja ela verdadeira ou imaginária, não é inútil, é um desvio necessário.

Isso não quer dizer que o ocidental deva aceitar *a priori* a civilização oriental. As forças irracionais que são a sua marca podem ser perigosas. O contato com uma civilização mais antiga bem pode despertar alguma coisa oculta em nós e assim torná-la visível; é como um lugar escuro que de repente se iluminasse ou como um germe que começasse a brotar. Observamos que o que procuramos fora de nós está em nós, em nossa própria “ilha”. O ocidental não pode renegar impunemente uma tradição milenar baseada na razão e na vontade. “Não se pode, à vontade, deixar uma tradição secular em que se foi criado para adotar uma outra, completamente estranha. Tanto mais que, em um certo grau de profundidade, nossas raízes podem juntar-se a outras raízes” (40).

Em compensação, podemos encontrar no Oriente a inspiração necessária para descobrir em nós mesmos uma força de renovação. Grenier escreveu: “Os grandes homens do Ocidente, aqueles depois dos quais não mais se viveu como se vivia, os que criaram alguma coisa, não negaram seu passado: eles o transformaram” (41). E também: “Quem diz que o homem não pode mudar? Ele passou seu tempo mudando...” (42).

Essa imersão numa civilização mais antiga não é um passo atrás, mas uma tomada de consciência das verdadeiras possibilidades, para se atirar para a frente e formar o futuro, assim como a iluminação é uma tomada de consciência com o eu

38 *Lettres d'Égypte*, Gallimard, 1950, p. 112.

39 *Entretiens avec Louis Foucher*, Gallimard, 1970, p. 74.

40 *Ibidem*, p. 74.

41 *Inspirations Méditerranéennes*, p. 108.

42 *Les Îles*, p. 140.

profundo. Grenier não acredita no devenir histórico tal como este é concebido na dialética de Hegel, um processo que vai em direção ao desabrochar do Saber absoluto. Em compensação, ele acredita na volta constante das coisas, as quais no entanto se produzem sob uma outra forma. Sem a menor dúvida, é nesse sentido que Nietzsche entendia o mito do eterno retorno, que não hesitou em profetizar, embora admitindo o futuro histórico sob a forma de marcha sempre ascendente e triunfante da vida, onde o homem não passa de uma transição. Duas concepções que a uma primeira vista parecem contraditórias.

## POR UM HUMANISMO DA ACEITAÇÃO

O pensamento de Grenier não pode ser separado de sua vida nem de seus escritos. Estes oferecem o exemplo de uma aliança excepcional entre um pensamento rigoroso e profundo e uma elegância de expressão que sabe filtrar e reter a intensidade da experiência vivida. Jean Grenier pertence a essa linhagem de pensadores que sabem permanecer homens no meio de sua filosofia, o que significa um estilo de existência filosófica particular – de tendência não-sistemática, não-dogmática. A marca principal desse pensamento – que se manifesta por inteiro desde *Les Îles* – é ignorar a certeza do pensamento instalado em um sistema rígido e tranquilizador, mas antes de aceitar e assumir o risco de uma busca progressiva, insatisfeita, dedicada senão à interminável odisséia da procura pelo menos do repouso difícil, aleatório.

A principal característica dos primeiros escritos de Grenier é a de fundamentarem-se numa tensão frutífera e dinâmica – que Paulhan estava pronto a chamar de “dialética” – entre certo número de temas ou de níveis cujo Humano e Absoluto constituem os pólos orientadores. Essa problemática, exposta a partir de *Les Îles*, será retomada, desenvolvida e aprofundada ao lon-

go dos escritos posteriores. O pensamento de Jean Grenier é um pensamento que se procura, que procede por sucessivas correções e aproximações (43) e acima de tudo recebe a definição, o fechamento, a fixidez que as palavras geram. Grenier temia o gelo de um pensamento que se solidifica em formas duras e definitivas – mortas. Para isso, não deixa de retomar os temas e problemas fundadores, tornando-os complexos. Essa retomada poderia ser definida como aprofundamento e recomeço das relações que o escritor mantém com o mundo. A retomada se opõe à idéia de progresso que, aos olhos de Grenier, é a maior ilusão de nossa época (44). No plano geral da obra, *Les Grèves* pode ser considerado a retomada de *Jacques*; *Inspirations Méditerranéennes* pode ser tido como retomada de *Les Îles*, assim como *L'Existence Malheureuse* em muitos aspectos se apresenta como retomada da sua tese de doutorado sobre Jules Lequier.

No plano temático, o Mediterrâneo é a retomada da Bretanha, a amizade das coisas é a retomada da amizade dos homens. Em uma outra perspectiva, a crítica de arte retoma e explora os temas do curso de estética. Não é significativo que o último texto escrito por Jean Grenier seja uma meditação sobre “A Escada” (45) – concebida como metáfora do trabalho do escritor? O escritor continua a usar a escada, ele a tem em seu espírito. Ele sobe e desce, volta a subir e a descer, caprichoso, inquieto, melancólico e desencantado – tem sempre a consciência de haver esquecido algo, de que não existem os patamares, nem as partidas nem os cumes de chegada.

Procuremos retomar e resumir esse andamento em “espiral” à luz de nossas análises.

De início, nada é evidente. No começo reina a contingência. Esta é a revelação essencial do primeiro ensaio de *Îles*. “L'Attrait du Vide”, o mais importante do conjunto, pois os sentimentos de distanciamento, de vazio, de uma falta essencial informam toda a meditação de Jean Grenier. Essas “monições” que são a revelação da vaidade e da vacuidade do mundo fazem-no apreender a existência de algo que nos ultrapassa-

43 Por exemplo, em *Les Îles*: “Tudo o que acabo de dizer só é exato em parte...” (p. 77).

44 Cf. “Remarques sur l’Idée de Progrès”, in *Essai sur l’Esprit d’Orthodoxie*, Gallimard, col. Idées, 1967, pp. 154-67.

45 Publicado na NRF nº 221, maio de 1977, pp. 46-58.

sa, a presença de um Absoluto. Absoluto aliás completamente negativo, que mal se desenha, “se esconde e se movimentava por trás da tapeçaria do mundo” e só se manifesta “por uma ausência que é mais atuante do que as presenças, como numa noitada em que o dono da casa está ausente” (46).

Essa ausência leva o clima de inadequação ao paroxismo. A sensação de distanciamento traz consigo a idéia de que o mundo foi atingido de nulidade pelo espírito, que não consegue deixar de sofrer com isso e que não pode mais impedir-se de julgá-lo. Diante de um Absoluto, as coisas mais diferentes perdem sua diferença, tornam-se “não-diferentes”. Ao espetáculo dessa uniformidade, o homem volta para dentro de si mesmo, descobre que seus próprios pensamentos não apresentam entre si uma verdadeira diversidade e, por sua vez – esta é uma forma de sabedoria –, torna-se completamente indiferente. Na ausência de Deus, qualquer elaboração dos valores é irrisória. No mundo das “existências,” nada importa, pois o Ser não está nele. Parece-nos que essa indiferença, total e definitiva, não é senão a transposição, para o plano metafísico, da atitude do Amante abandonado, como sugere esse trecho de “Îles Borromées”, último ensaio de *Îles*: “As montanhas sucedem às montanhas, as planícies às planícies e os desertos aos desertos. Eu jamais terminaria com isso e jamais encontraria minha Dulcinéia” (47).

Nesse plano, o Ser amado tornou-se o Amor essencial, o Absoluto, Deus. O indiferente é o amante de Deus, mas de um Deus transcendente, do qual está fundamentalmente separado. Como todo pensamento que se fundamenta nessa ausência, ele termina em considerações sobre a solidão do homem. O “Eu” está só, *eu morro só* – parece repetir infatigavelmente o homem de *Îles*, esta é a verdadeira realidade do humano e, certamente, sua grandeza. A solidão do homem, seu abandono, o remetem ao problema fundamental de sua *liberdade*. Estamos abandonados, portanto *livres* e sós diante de nossas escolhas. Essas escolhas são imperiosas e temos de resolvê-las.

Então, escolher o quê? Os valores são relativos e, além disso, se igualam e se anulam diante do superlativo, do Absoluto. “Para mim a escolha é impossível, porque não se pode querer senão o perfeito. E sendo este inacessível, é melhor não querer nada” (48), declara Grenier. A tomada de consciência dessa inutilidade da avaliação implica a absoluta submissão à proposição do *instante* (49) que, segundo Grenier, é o mais alto grau de liberdade e talvez o mais rematado ideal de “sabedoria”. Preocupado em assegurar-se de que um modelo como esse de sábio não teria permanecido puramente ideal, mas com efeito produzira adeptos no passar do tempo, Grenier dedicou-se a apontar os exemplos vividos: os estoicos, os céticos, os cínicos e, mais perto de nós, os escolásticos e os quietistas – mas foi principalmente nas doutrinas orientais, indianas e chinesas, que encontrou exemplos perfeitos desses sábios. No que lhe diz respeito pessoalmente, parece que Grenier não conseguiu se manter nessa posição indiferentista – ela depende de um ideal para o qual ele tende mais por temperamento do que por convicção. Continua para ele como uma miragem: ele a cobiça, aproxima-se dela e depois, como sentindo-se desencorajado ou enganado, pára, volta atrás, deliberadamente, e não sem sofrer. Se levarmos em conta os dois últimos ensaios de *Îles*, parece-lhe que devemos ser menos exclusivos no amor pelo Absoluto e olhar humildemente em volta: “É preciso dizer adeus ao mais distante, tenho de buscar refúgio no mais próximo”.

É incompreensível que existam graus entre um Absoluto e um Relativo. Contudo, parece que existem. Daí essa busca apaixonada pelo humano que se manifesta nesses dois últimos textos cuja temática será retomada e amplificada em *A Propos de l'Humain*.

Grenier tenta chegar a esse “humano” pela mediação da natureza e especialmente dos animais, “nossos irmãos, os animais”, como diz Freud (50). Como se, não desejando renunciar a seu juramento de voltar as costas ao humano, ele voltasse o olhar na direção dos animais que carregam sobre si

46 *Entretiens sur le Bon Usage de la Liberté*, Gallimard, col. Idées, 1982, p. 109.

47 *Les Îles*, p. 155.

48 *Lexique*, p. 26.

49 Por meio da experiência da intensidade do instante, Jean Grenier descobre a eternidade e a totalidade, como em eco distante a esta frase de Santo Agostinho: “A eternidade não é nada mais do que a posse inteira de si mesmo num único e mesmo instante”.

50 Cf. *Malaise dans la Civilisation*.

cheiros de homens. “Le Chat Mouloud” nos apresenta um Grenier singularmente mais próximo da devoção e da compaixão do que da indiferença. A necessidade de ternura pelo próximo – pensemos na delicada solicitude do narrador para com o açougueiro que morria de “L’Île de Pâques” –, comprimido por essa metafísica do Absoluto, termina por estourar, por baixo, como se válvulas de segurança não deixassem esse culto pelo Absoluto desencaminhar-se além de certo limite aceitável. E isso dá lugar a súbitos clarões, a cores, a toques infinitamente sutis e tênues, mas que bastam para tornar a obra de Jean Grenier mais próxima da obra de um poeta terno e de um artista delicado do que a de um metafísico do Absoluto (não estivesse ele apaixonado pela Índia e pelo Tao), pois a indiferença pode dar lugar ao Amor: “Nas cidades como Toledo, Siena, por muito tempo contemplei as janelas engradadas, os pátios interiores onde correm as fontes ao longo dessas muralhas cegas como se tivessem de ensinar alguma coisa. O que há por trás desses obstáculos sempre ali presentes, desse mistério sempre suspeitado, que nome dar a tudo isso, senão o de Amor?” (51).



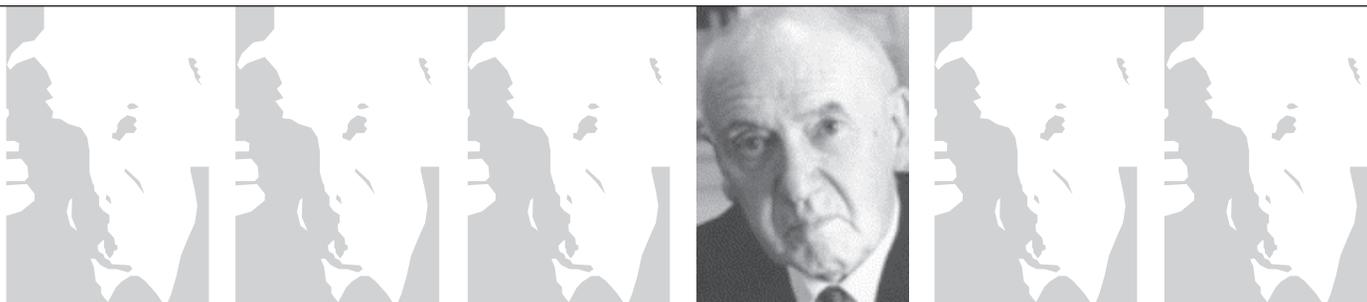
Ao seguir Jean Grenier em seu estreito caminho, cotejando o absurdo, o abandono, a solidão e o silêncio, às vezes tão pró-

ximo de uma ausência total do mundo e do homem, parece que essa vereda se afasta do território humano, enquanto ela não faz senão aproximar-se dele. Se o caminho parece longo, é porque a simplicidade é difícil e a lucidez exigida é de uma qualidade ainda mais rara. Não se trata apenas de medir, não se trata apenas de desenhar esquemas do mundo – não há receitas para realizar o homem. E, principalmente, a inteligência sob sua forma discursiva não é suficiente, não se trata apenas de “conhecer”. Como então pretender conhecer por exemplo o Bem e o Mal como o Tentador sugere a sua criatura, enquanto o próprio Deus não conhece nada, mas cria tudo? O poder de Deus é a cada instante realizar uma plenitude, sem buscar conhecer esse desejo que é o mal. Portanto, não é preciso conhecer o mal, viver é participar dessa criação pura e contínua – que, a cada momento, reafirma a verdade do sensível – e não procurar desmarranhar o pensamento do divino e distinguir entre o bem e o mal. Esse é o procedimento de Jean Grenier, um pensamento *incoativo*, espelho espiritual (52) perfeitamente liso, refletindo a multiplicidade das existências singulares e a propensão das coisas em sua pluralidade irredutível.

Depois de o haver empregado até as fronteiras da poesia, para o homem, Jean Grenier pede, com Hölderlin, ainda um pouco de amor: “Aquele que pensou o mais profundo, ama o mais vivo”.

51 *Les Îles*, p. 84.

52 “O Sábio usa o seu espírito como um espelho,” escreveu Tchuang-tse.



Jean Grenier nasceu em Paris em 1898. Passou sua juventude em Saint-Brieuc, onde fez amizade com Max Jacob e Louis Guilloux. Foi professor em Alger, no Instituto Francês de Nápoles, na Faculdade de Letras de Lille, nas universidades de Alexandria e Cairo, e, por último, na Sorbonne, onde ocupou a cátedra de estética. Em 1968 recebeu o *Grand Prix National des Lettres*. Colaborou em inúmeras revistas de arte e literatura, entre as quais a *Nouvelle Revue Française*. Morreu em 1971.